

Ricardo Noblat

O senador Jorge Bornhausen manobrou com inteligência e esperteza para que não recaísse, preferencialmente, sobre ele o peso da decisão. O PFL de Santa Catarina estava inclinado a aderir à candidatura de Collor de Mello na reunião marcada para ontem em Blumenau. Um pedaço menor do partido preferia apoiar a candidatura do deputado Guilherme Afif Domingos, do PL. O senador escolheu sair derrotado da reunião.



Votaria a favor de uma aliança com Afif. Depois, democraticamente, se curvaria diante da decisão da maioria. No início desta semana, durante jantar com dois amigos na filial de Brasília do restaurante Florentino, Bornhausen fez as contas e concluiu, embora sem muita convicção, que Afif ainda tinha chances de ganhar o apoio do PFL de Santa Catarina. O senador guardava no bolso os dados de uma pesquisa que mandara fazer.

Um instituto local de pesquisas entrevistou eleitores nos seis maiores municípios de Santa Catarina. Collor liderou a pesquisa com 27%, seguido de Brizola com 25%, Ulysses com 7% e Afif com 6%. Bornhausen surpreendeu-se com o crescimento da candidatura de Brizola no seu estado. "É reflexo do crescimento dele no Rio Grande do Sul", explicou. Considerou que Afif tem potencial para crescer em Santa Catarina.

Seu voto na reunião do partido seria para ele — mas o senador estava interessado, de fato, em engatar o vagão do PFL do estado na locomotiva puxada por Collor. A sucessão no próximo ano do governador Pedro Ivo está na origem da inclinação do PFL por Collor, que Bornhausen aceitaria, docemente, constrangido. O prefeito Esperidião Amim, de Florianópolis, já aderiu ao candidato do PRN. Amim é do PDS, que quer fazer o sucessor de Ivo.

O PFL de Bornhausen disputará a vaga de Ivo. Ao aderir a Collor, ficará em posição de igualdade com o PDS de Amim. Se Collor for eleito presidente da República, Amim e Bornhausen sairão como vencedores no estado. Se Collor for derrotado, os dois perderão. A igualdade de condições estará mantida em

qualquer hipótese. A eleição de 1990 para os governos e o Congresso segue atropelando, assim, a eleição de novembro próximo.

O baiano Carlos Sant'Anna, ministro da Educação, está em situação incômoda, por exemplo. Ele é filiado ao PMDB — mas não apóia Ulysses, para não ser obrigado a apoiar o candidato do partido a vice-presidente, Waldyr Pires. O espaço político de Collor na Bahia já foi ocupado pelo grupo do ministro Antônio Carlos Magalhães, das Comunicações, que é adversário de Sant'Anna. Magalhães é do PFL e finge que apóia Aureliano Chaves.

Para a candidatura de Paulo Maluf, Sant'Anna não pensa em ir. Não guarda a menor afinidade com ela. Maluf está sendo apoiado na Bahia pelo deputado José Lourenço, líder do PFL na Câmara dos Deputados, ativista de primeira hora da candidatura de Aureliano à presidência. Na segunda hora, Lourenço desistiu dela. A incômoda situação de Sant'Anna contrasta com a situação, por ora, confortável do senador Marco Maciel (PFL-PE).

Maciel disputou e perdeu para Aureliano a prévia eleitoral dentro do PFL, que indicou o candidato do partido à sucessão presidencial. Desde então, confirma, periodicamente, seu voto a favor de Aureliano, embora não se negue a admitir, com bastante frequência, que o candidato não ganhará a eleição — que talvez nem chegue a concorrer no primeiro turno. Parte do grupo político de Maciel em Pernambuco já aderiu a Collor.

O senador torce para que no segundo turno da eleição não se veja obrigado a escolher entre Collor e Brizola. Nesse caso, escolherá Collor. "Minhas bases não entenderiam uma aliança com Brizola", argumenta. Nem com o governador Miguel Arraes. Se disputar o segundo turno da eleição, é provável que Brizola suba no palanque em Pernambuco na companhia de Arraes. Maciel estará no palanque contrário, seja ele de quem for.

O governador Geraldo Melo, do Rio Grande do Norte, continua, por enquanto, sem saber em que palanque subirá no primeiro turno. Como filiado ao PMDB, deveria subir no palanque de Ulysses. Mas não acredita na vitória dele. Quis subir no palanque de Collor — mas o senador José Agripino Maia, do PFL, adversário dele, abandonou Aureliano e subiu antes. Os Maia ocuparam, também, o palanque de Brizola. Resta o de Mário Covas.